MOVIMENTO

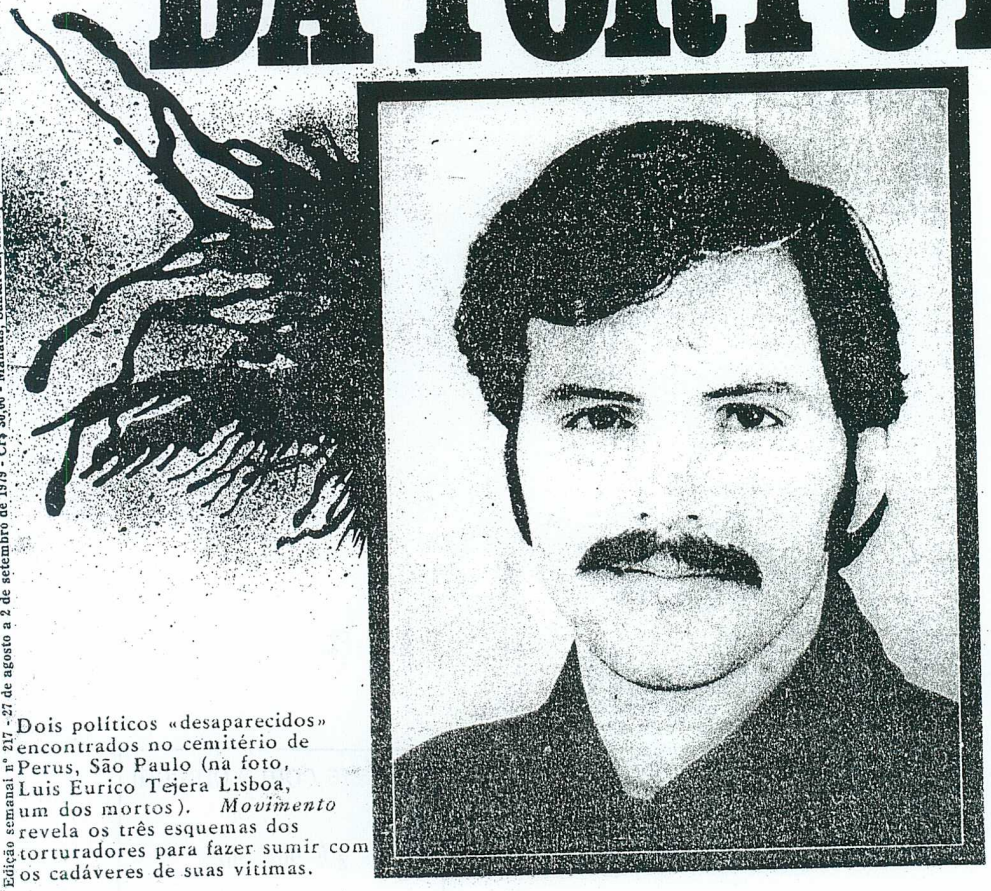
Com a edição semanal brasileira do Le Monde

Anistia no Congresso:
GOVERNO GANHA POR UM TRIZ

Folhas no.: 67
Processo: 265015/82
Visto:

COMO DESAPARECIAM OS MORTOS DA TORTURA

Edição semanal nº 217 - 27 de agosto a 2 de setembro de 1979 - Cr$ 30,00 - Manaus, Santarém, Macapá, Porto Velho, Rio Branco, (via a. Cr$ 39,00



Dois políticos «desaparecidos» encontrados no cemitério de Perus, São Paulo (na foto, Luis Eurico Tejera Lisboa, um dos mortos). *Movimento* revela os três esquemas dos torturadores para fazer sumir com os cadáveres de suas vítimas.

Para onde vai o Brasil

Fernando H. Cardoso

Hugo Abreu

Moniz Bandeira

Olívio Dutra

Quatro análises da atual conjuntura política do país: o papel dos partidos — O PCB; o imperialismo — os americanos, os alemães e os outros; uma avaliação do nível de mobilização da classe operária; uma questão «vivemos uma situação pré-revolucionária»?

Jornal O Movimento - Setembro 1979 - 68 -

DESAPARECIDOS

A prova final da falsificação. E agora?

Suzana Lisboa encontrou na mesma semana passada as fotos de seu marido, Luiz Eurico, morto.

Nos abarrotados arquivos do Palácio da Justiça de São Paulo, Suzana Lisboa encontrou na semana passada o fim definitivo da agonia que viveu nos últimos sete anos. Na caixa número 502, processo 582/72. arquivado em 1973, Suzana descobriu na terça-feira a prova final de que seu marido, Luiz Eurico Tejeira Lisboa, não mais voltará para casa: as fotos que a Polícia Técnica fez no dia da sua morte, num quarto de pensão.

Em 1972, depois de três anos refugiado na Argentina, Luis Eurico voltou para o Brasil, onde era procurado pela polícia política, por atividades no movimento estudantil. Viajou logo para São Paulo, onde retomaria contatos com integrantes da Ação Libertadora Nacional (ALN). Suzana ficou em Porto Alegre. E desde então nunca mais teve notícias de Luiz passando a viver a mesma atribulação dos familiares de «desaparecidos» — 74 oposicionistas que «desapareceram» desde o golpe de 1964 — sem saber se estava vivo ou morto.

Semanas atrás. com a ajuda do CBA-SP, Suzana descobriu que seu marido fora enterrado no cemitério de Perus, São Paulo, em 1972, com o nome falso de Nelson Bueno (ver Movimento nº 217). De acordo com o inquérito da 5ª Delegacia de Polícia, deu um tiro na cabeça.

Todas as informações davam conta que Luiz Eurico e Nelson Bueno eram a mesma pessoa, mas a prova definitiva veio na terça-feira:: na pasta com o inquérito sobre o suícidio de Bueno ela encontrou as fotos de Luiz Eurico.

Desde a confirmação sobre a troca de identidades (Bueno era o nome de Luiz Eurico na ALN e a polícia preferiu enterrá-lo com nome falso) que o inquérito vinha sendo procurado. Na Delegacia duas vezes disseram que havia sido requisitado pelo DOPS, até que na terceira liberaram o registro de ocorrência. Mas o inquérito já estava no Forum. Lá também o DOPS chegara antes. Na terça-feira Suzana e seu advogado, Luiz Eduardo Greenhalg, encontraram o processo 582/72 esquecido no balcão da sala de arquivo da 2ª Vara do Júri, E lá estavam, bem nítidas, sete fotos de Luiz.

O inquérito tem quase 50 páginas. E um número quas igual de incertezas. A história montada pela polícia é esta:

Na madrugada do dia 4 de setembro de 1972, o vendedor pracista Nelson Bueno, 24 anos, portador da carteira de identidade 4.850.040, «suicidou-se» no quarto de uma modesta pensão no bairro da Liberdade, com um tiro na cabeça. Antes, porém, fez alguns disparos pelo quarto:: no forro, no piso, no guarda roupa e na porta. Material para isto não lhe faltava: foi encontrado na cama com dois revolvéres (um Taurus 38 na direita e um Rossi 32 na esquerda). Depois desse estranho e solitário tiroteio ainda teve cuidado para enrolar o revólver na colcha e disparar o último tiro (pelo menos esta é a justificativa que a Polícia Técnica tenta dar para o fato de aparecer em quatro furos, provocados por disparos, na colcha, na altura do abdômem).

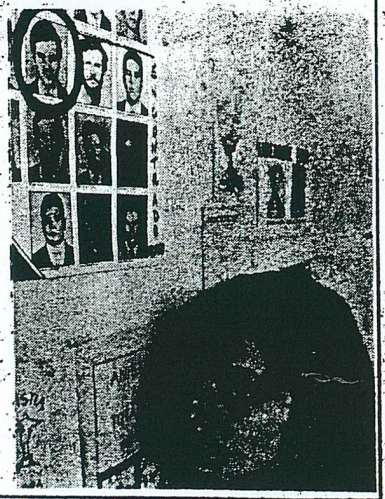
Das três pessoas que foram depor na Delegacia, quase quatro meses depois da ocorrência, nenhuma tomou conhecimento dos tiros naquela madrugada, A dona da pensão imaginou que fossem ladrões andando pela sua casa e teve medo de verificar. Um pensionista disse que barulhos como aquele eram comuns na rua. O terceiro nem ouviu nada.

Na tarde do mesmo dia. como Nelson continuasse fechado no quarto, a dona da pensão chamou a polícia. Depois de algum tempo trancados com a vítima, lavada por eles mesmo no quarto, os policiais anunciaram o suícidio, Mais de 20 dias depois, os médicos Octavio D'Andrea e Orlando Brandão, do Instituto Médico Legal, também constataram que Nelson morrera em virtude do tiro na cabeça. Orlando Brandão é um dos médicos que está sendo acusado de falsificação de laudo, no caso da morte do estudante Alexandre Vanucchi Leme.

Finalmente, em abril de 1972, o juiz Manoel José A. V. de Carvalho arquivou o inquérito, que passou a ser disputado nos últimos dias por Suzana e os agentes do DOPS.

Suzana não acredita em quase nada desta história. Foi ao IML pedir as fotos do cadavér, pois elas são feitas sempe que há morte violenta, documentando inclusive o trabalho dos médicos. Os médicos insistem em dizer que elas não existem.

Suzana e seu advogado estão tomando providências para a realização de novos exames e inquéritos, que poderão esclarecer o grosseiro «suícidio». Há suspeitas de que Luiz Eurico foi metralhado, talvez no próprio quarto, pela polícia política, que conhecia muito bem sua verdadeira indetidade. O primeiro passo é provar que Nelson Bueno e na verdade Luiz Eurico, o que dará a Suzana direitos para exumar o cadáver. E sobre esta falsificação de identidade não há mais dúvidas. (Roldão Oliveira)



A cópia xerocada de uma das sete fotos existentes no inquérito que apurou o «suicídio». (Os responsáveis pelo arquivo da Justiça não permitiram a reprodução da foto original.) No original aparecem nitidamente os dois revólveres nas mãos de Luiz Eurico, assim como em outras fotos aparecem os buracos de bala na colcha, e também nas paredes do quarto. A localização do processo com as fotos, no Palácio da Justiça, foi a prova definitiva, para Suzana Lisboa, de que seu marido está morto.

Folhas no.: 68
Processo: 26505/02
Visto: